

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA MULHER BRASILEIRA NA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL: O QUE REVELAM OS JORNAIS DO PERÍODO DE 1890 A 1910

MARILENE DA CUNHA RIBEIRO

No imaginário, popular não é difícil constatar, pela observação atenta de suas mais diversas formas de expressão, a condição concedida à mulher gaúcha e, especialmente, à mulher da fronteira.

Tal imaginário, que se verifica de forma notável no cancionero gaúcho, várias vezes dá conta da apresentação de uma mulher que é descrita e valorizada em sua relação com a imagem que nele se tem do homem gaúcho.

Se na descrição do masculino a figura masculina é apresentada e descrita em função de sua tradição histórica de guerras, guardas de fronteiras e de lidas do campo, na descrição do feminino, por sua vez, zela-se por apresentar junto ao homem uma figura de mulher que lhe corresponda de maneira a completar-lhe. Nesse completar, à mulher – com sua candura, beleza, e acentuado sentido de dever em relação à família e ao marido –, cabe o desempenho de tarefas ao alcance de suas forças na administração do lar.

Constata-se, assim, no imaginário tradicional gaúcho, a figura de uma mulher que é “valente e *buena companheira*”¹, e que está sempre pronta para acompanhar o seu homem, aceitando sua condição dita de superioridade e de mando em relação a ela; uma mulher que “lhe arruma a casa”, mas que também “lhe enfeita a cama”. Com tais expressões, uma canção² que apresenta a mulher campesina, assim se expressa, descrevendo-a como uma mulher que tem “graça de garça pra enfeitar a primavera” e “garra de fera pra lutar a vida inteira”.

São representações que povoam o imaginário popular gaúcho, notadamente na fronteira, em que o culto às tradições locais em função da histórica guarda de áreas limítrofes, contrabandos e demarcações de fronteiras são sempre lembrados e que colaboram para que se “crie” uma imagem de mulher idealizada, que algum dia existiu - e que às mulheres de hoje garante uma possibilidade de vínculo de identidade histórica.

Quis eu, com minha pesquisa, procurar num determinado período de tempo – justamente aquele que marcava uma *bele époque* –, encontrar-me com esse tipo de mulher e assim verificar condições de emergência de representações que ainda hoje povoam o imaginário popular quando a ela se referem direta ou indiretamente ao falar do homem gaúcho.

Parti, para tanto, daquilo que é lugar comum no imaginário popular, expresso, como illustrei acima, em versos do cancionero mais popular ou mais elaborado intelectualmente. Queria saber

¹ Música “Campesina”, de Sérgio Napp e Mário Bárbara; Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul.

² *Ibid.*

dessa mulher, tão cantada em verso e prosa, sempre em relação à figura masculina. Queria saber se realmente, ao menos naquele tempo, à mulher correspondiam as representações que historicamente dela tem-se construído. Desejava saber se a mulher de fronteira constituía um tipo de mulher singular em relação às mulheres do restante do país.

Não me detive apenas na escuta do que diz o cancionero, nem coleta de expressões em prosa ou nos ditos populares que expressam o enaltecimento desse tipo de mulher gaúcha. Digo tipo porque, referindo-se à região da fronteira, permitem entender que as qualidades cantadas e proseadas sobre a mulher nessa região seriam sobremaneira enfatizadas, pois que também o gaúcho na região da – fronteira notavelmente na literatura e na memória popular – tem suas dimensões qualificativas notabilizadas pela dupla função que desempenhava historicamente na região: cuidar da terra, produzindo as condições de sua própria existência; e, até para que isso se tornasse possível, ser o fiel guardião das fronteiras da pátria contra a possibilidade de novos demarques limítrofes, num jogo de fronteiras móveis.

O que fiz, então, tendo dado como ponto de partida que minha investigação não precisaria reunir os ditos e os escritos que expressassem aberta ou implicitamente tais representações em nossa poesia e em nossa prosa gaúcha, mais ou então menos elaboradas, foi dispor-me a trabalhar por um outro caminho.

Optei por buscar, na imprensa escrita da época, matérias que fizessem referência às mulheres, matérias que pudessem mostrar um pouco das representações que constituíam o imaginário da época quando se tratava de dizer sobre a condição do feminino.

Não fiquei apenas interessada na análise das colunas sociais, em que aparecem notas desde casamentos, festas, nascimentos e outras desse teor. Busquei também, nas páginas policiais, nas páginas de anúncios fúnebres, nas páginas que traziam propagandas de produtos de saúde e de beleza, palavras e frases que expressassem os modos como as mulheres naquela região da fronteira eram vistas, apresentadas e mostradas como desejáveis pelas linhas da imprensa à sociedade. Nessas páginas, constatei comportamentos que eram valorizados para ser tida como uma mulher digna, e aqueles que eram mostrados como indignos de uma postura feminina conforme os padrões da sociedade local.

Nas colunas sociais, encontrei a apresentação de mulheres que participavam de encontros da sociedade local, elegantemente vestidas para esses eventos, mas que também, pela participação na Igreja envolviam-se em campanhas beneficentes. Tais colunas, porém, não davam conta da apresentação de todas as mulheres. Aqui apareciam notícias que interessavam à imprensa dar domínio público pela possibilidade que continham de povoar o imaginário com a apresentação de uma figura de mulher bem posicionada socialmente por estar amparada pelo forte sobrenome de solteira do pai e, se casada, do marido. Mulheres dignificadas socialmente pela sua vinculação a um

forte sobrenome masculino.

As páginas policiais também foram importantes, porque me mostraram, num contraponto, a figura da mulher excluída de todo esse mundo considerado “de respeito”, invejado e tido como o ideal. Li sobre mulheres que também atuavam ao lado de seus homens, sendo apresentadas nas notícias policiais com algum vínculo a uma figura masculina do mesmo qualificativo de excluído socialmente.

Também encontrei mulheres apresentadas como laboriosas - mas que, por força da viuvez ou por outra circunstância na vida – assumiram a frente de negócios: desde a administração de casa comercial, até o exercício de profissões como o magistério e o trabalho de parteira, para ganhar a vida. Li e pensei sobre mulheres escravas e outras que, mesmo libertas passaram a servir numa outra forma de exploração social que não a das correntes: eram “negas véias”, “quase da família”. Mas eram também mulheres que, se não mais estavam sob a ameaça do jugo das correntes, iniciavam-se num outro tipo de ameaça: a das correntes da degradação, da miséria e da exclusão social por estarem entrando em um mundo para o qual não dispunham do conhecimento das regras do jogo.

Os jornais me mostraram várias possibilidades de existência de modos de ser mulher no final do século que terminava e de um século que se iniciava: o século XX.

Vi, nas linhas dos jornais, em anúncios oficiais, como editais, até notas explicativas, diferentes mulheres. Em todas essas mulheres, desde aquelas descritas nas notas policiais lidas com ares de reprovação pela sociedade à época – até aquelas das notas sociais valorizadas e desejadas pelas famílias de então, as exigências eram as mesmas: que se soubessem mulheres que deveriam corresponder às expectativas masculinas geradas em função da condição histórica de que ao feminino cabe o dever de acompanhar o masculino e de fazer-se ser sempre em referência a ele. Não importa a condição que ele ocupe na sociedade. É sempre em relação ao seu homem que a mulher vai ser sempre apresentada, seja ele o pai, o marido ou o companheiro de desventuras.

Dessa forma, vi que não existiam apenas mulheres campesinas, com as qualidades já à época apresentadas como enobrecedoras para a mulher gaúcha e, notadamente, para a mulher da fronteira. Virtudes que permaneceram como as ideais e que até hoje são cantadas em verso e prosa e continuam a povoar o imaginário popular.

Havia também outras mulheres. Trabalhadoras, religiosas, prostitutas, meretrizes, violentadas, excluídas. Bem casadas, empreendedoras, submissas, altivas. Dentro da ordem e da lei da sociedade e da Igreja. Mas, também, aquelas tidas como fora-da-lei dessa lógica que comandava o modo de ser mulher gaúcha e fronteira àquela época. Muitas mulheres e não apenas uma mulher.

Na análise de matérias veiculadas na imprensa escrita da época, pude constatar que

características de virtude apresentadas como originárias da mulher do campo, acostumada às lidas campesinas, seja na administração do lar no campo como patroa ou mulher do peão, foram originadas também pela mulher que não estava no campo, pela mulher que estava na vila, que estava na cidade. A referência ao campo era, como não podia se esperar que fosse de outra maneira à época, realmente vista como necessária na cobrança que o mundo masculino fazia à ela sobre seu papel na organização hierárquica da sociedade e, nesta, do lar.

Mas observo ainda que, pela posição geográfica privilegiada que Uruguaiana possui, facilitando-lhe contato e convívio com outros países do Prata, o que lhe permite maior facilidade de acesso às capitais Buenos Aires e Montevideo, contribuiu para que se ampliasse o leque de referências da mulher fronteiriça.

As duras lidas do campo, fosse no comando da casa do fazendeiro ou da casa do peão, eram uma grande fonte para que se referenciasse em termos de criação de valores próprios à condição feminina: uma mulher “buena companheira” com “graça de garça” e “garra de fera”, para enfrentar as intempéries da vida como a viuvez ou o cotidiano de cuidado dos filhos e da casa por menor e mais simples que fosse.

Mas tais lidas não eram as únicas a contribuir para a composição do imaginário dessas mulheres. A proximidade da região com outras realidades latinas, como no caso da Argentina, fortemente influenciada pelas idéias européias, contribuiu para que elas incluíssem em sua representação outras possibilidades de ser vistas.

Os jornais retrataram várias possibilidades de ser mulher à época. Mostraram não apenas “a” mulher da fronteira gaúcha de Brasil-Argentina em Uruguaiana. Mostraram, isto sim, mulheres fronteiriças retratadas em diferentes espaços e condições sociais.

Não pretendo negar, com isso, os fortes traços de virtude da mulher gaúcha de fronteira que se encontra no imaginário popular. Mas, dizer que são originárias da mulher que vivia no campo, fazendo com que as da cidade apenas tomarem delas de empréstimo tais qualificativos de valentia, companheirismo e tantos outros valorizados pela historiografia tradicional gaúcha expressa em verso e prosa, significa limitar as fontes de originalidade da constituição do imaginário sobre o feminino na fronteira.

Com isso, estou afirmando que não se nega, com minha pesquisa, a possibilidade de as virtudes tão enfaticamente apresentadas da mulher de fronteira terem fortes vínculos com a constituição da mulher do campo. Mas me dou o direito de, pelo estudo que fiz de matérias publicadas nos jornais de época, perceber que outras fontes também contribuíram para tal, como essa da proximidade com outros países do Prata, por exemplo.

Para mim, também a mulher urbana, apresentada pelos jornais locais, contribuiu para a constituição de tal imaginário, não se limitando apenas a “herdar” tais representações do feminino

vivido no campo e eufemizado em adaptações para a sua manifestação na cidade.

Defendo, portanto, que a mulher apresentada historicamente pelas representações da historiografia tradicional, e que é cantada em prosa e verso, não pode ser entendida como o protótipo da mulher gaúcha de fronteira. Também outras possibilidades de viver o feminino na região da fronteira possibilitaram o surgimento de representações que ainda hoje fazem parte desse imaginário.